

HISTORICIDADE E SINGULARIDADE: LENDO KIERKEGAARD EM TEMPOS DE DESEQUILÍBRIO SOCIAL

FRANSMAR COSTA LIMA*

RESUMO

A proposta desse artigo, é refletir sobre nossa historicidade e a singularidade *a partir* do pensamento de Kierkegaard, situado em características de nossa época e cultura, e que apontam para um naufrágio da singularidade em tempos onde o desequilíbrio social se mostra como uma faceta imperativa do desejo de pertencimento de uma multidão, que se autoapresenta como verdadeira sem perceber que é uma mentira, uma ilusão ou um simulacro de realidade.

PALAVRAS CHAVE: Historicidade; Filosofia; Existência; Kierkegaard; Singularidade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on our historicity and uniqueness as of Kierkegaard 's thinking, situated in characteristics of our epoch and culture, and which point to a wreck of the singularity in times where the social imbalance shown as a facet imperative of the desire for belonging to a crowd, which presents itself as true without realizing that it is a lie, an illusion or a simulacrum of reality.

KEYWORDS: Historicity; Philosophy; Existence; Kierkegaard; Uniqueness

*Para Yanna Karlla e Manoel de Barros,
que trazem consigo o olhar poético pela
singularidade*

*Tem mais presença em mim o que me falta.
(Manoel de Barros, Livro sobre Nada)*

INTRODUÇÃO

Na *Ética à Nicômaco*, Aristóteles nos incitava a pensar que a virtude se encontrava em um meio termo entre vícios opostos. Esse

* Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel e licenciado em filosofia. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (2015-2017). Professor e editor acadêmico. E-mail: fransmar@liberars.com.br

princípio de equilíbrio e razoabilidade seria a linha condutora para que os bens produzidos pelo cidadão estivessem à disposição de todos e assim, a felicidade se instalaria na *pólis* como *Sumo Bem*. Sobre valores como esse a sociedade contemporânea encontraria seus fundamentos. Lamentavelmente, em nome da evolução, do aumento da produção dos bens de consumo e da aparente liberdade de decisão e escolha (**eaparente** porque tal liberdade de decisão só é concedida em conjunto, pela multidão e para a multidão), em algum momento histórico optamos por ignorar os princípios e a história de nossa civilização, apesar de continuarmos citando, a esmo, e nos orgulhando de nossa tradição. Antes tivéssemos lido Aristóteles com atenção. Infelizmente, contata-se que quase vinte e três séculos após Aristóteles, entendemos muito pouco, sobre as lições acerca da ética, da política, da lógica ou até mesmo da metafísica. Possuímos o arcabouço teórico, e mesmo o conhecimento da teoria ainda é um privilégio de poucos.

O conflito que emana de nossa época histórica subverte a ideia de sociedade aristotélica desconstruindo aquela ideia de indivíduo, onde CADA homem deve exercer bem a sua arte para o bem comum; a unidade se dissolveu na multidão. Nossa noção de comum perdeu o sentido de *comum unidade*, e se transformou em uma multidão raivosa, radical e com poucas condições de exercitar a livre deliberação, necessária para que prevaleça o exercício da virtude. Conseguimos, pasmem, ir além da moralidade de rebanho, da qual nos falava Nietzsche. Estamos mais próximos de uma “moralidade de manada”, hostil, arredia e revolta, que, com acúmulo de agressividade, ainda retém em si, todas as prefigurações do rebanho.

É nesse sentido que a filosofia, imbricada na historicidade, surge como uma proposta de reflexão para o indivíduo hodierno que, diante do anseio de pertencimento à multidão de nossos dias, se vê cada vez mais isolado de sua subjetividade. A aproximação entre história e filosofia – que teve nos anos de 1970 um marco de sua reflexão com a publicação da tese de Alvaro Valls, orientada por Michael Theunissen, sobre *O conceito de história nos escritos de Kierkegaard* – nunca se mostrou tão urgente para uma reflexão a partir do olhar da existência.

A questão não é propriamente uma novidade e está longe de ser original mas, da mesma forma que devemos visitar Aristóteles para aprofundar o diálogo com a *Ética à Nicômaco*, é hora de igualmente reler alguns textos de Kierkegaard, tendo ao lado o jornal do dia para observar o quanto a mentira tem se apresentado como verdade para a multidão, e a partir de uma espécie de convite feito

por Nietzsche, quando nos alerta que *é chegada a hora do grande desprezo*, rompendo com as convenções e imergindo a todos nós, do autor ao leitor, em um *exame de consciência*, mais profundo que a própria autocrítica.

Felizmente, Kierkegaard é um autor que nos permite romper com as leituras convencionais, pois a única coisa que espera daquele que, *com alegria e gratidão*, chama de leitor, é que se aproprie do texto como se fosse seu, que o receba como aquele *Indivíduo Singular favoravelmente disposto que recebe o livro e dá-lhe um bom lar, aquele indivíduo favoravelmente disposto que, ao recebe-lo, [...] o santifica, dá-lhe significado e transforma-o em muito mais* (KIERKEGAARD: 2001, p.7). Dessa forma, nos libertamos da busca por soluções nos textos do pensador dinamarquês (até porque, ele não oferece muitas...) apesar de tomarmos na interioridade suas reflexões, para que sejam *edificantes*.

Kierkegaard é apenas um ponto de partida. Antigo e ultrapassado, como se vivesse em nossos dias.

1. O INDIVÍDUO SINGULAR (*ENKELTINDIVIDED*)

Quem é o Indivíduo Singular?

É aquele Indivíduo que busca por si a edificação da existência, com o mesmo esforço com que Climacus abre as Migalhas Filosóficas, citando as *Philippica* de Cícero, e concebendo que, todo o esforço intelectual e existencial da elaboração da questão pela existência ocorre *proprio Marte, propriis auspiciis, proprio stipendio*¹, a partir da subjetividade e da interioridade. *A subjetividade é a verdade* e o seu fundamento é a interioridade que busca o edificante, é o movimento que *o Indivíduo Singular*, faz quando *volta-se para dentro de si-mesmo* (KIERKEGAARD, 2013). É nesse sentido que Jorge Miranda de Almeida compartilha suas reflexões:

Em meus estudos sobre a produção de Kierkegaard entendo a subjetividade como a condição de se chegar a singularidade mediante o esforço **dantesco** em dominar a si mesmo a partir da elaboração de si que ocorre na interioridade, como muitas vezes é explicitado em *O Pós-escrito*, inclusive como título do segundo capítulo da segunda parte: a verdade subjetiva, a interioridade; a verdade é a subjetividade. A interioridade é a condição para que a edificação ocorra. Edificar é construir a partir de fundamentos.

¹ Alvaro Valls traduz a expressão como *Por nossos próprios meios, sob nossos próprios auspícios, às nossas próprias custas*. (CF. N.T em KIERKEGAARD, 2008)

Portanto, o indivíduo frequenta a si mesmo, constrói sua subjetividade a partir da escolha que ele faz mediante as possibilidades estéticas, éticas e ético-religiosas. E, se escolhe tornar-se uma subjetividade autêntica, ele precisa de duas bases de sustentação: a interioridade e a edificação; dessa forma, torna-se um indivíduo singular. (ALMEIDA, 2015, p.167)

É no *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*, que Kierkegaard afirma que *A questão do Indivíduo é decisiva entre todas* (1986, p.105) e, nos prefácios dos *Discursos edificantes*, o autor deixa claro que sua obra se direciona para o Indivíduo Singular, *aquele que com a mão direita aceita o que é oferecido com a direita* e que, recebe a comunicação para revisita-la e extrair dela o essencial decisivo para edificar a existência.

Porém, como comunicar ao indivíduo se não partir dele a decisão pela subjetividade? Como tomar a decisão pela subjetividade se não existe a ocasião, para o indivíduo que vive imerso na ilusão criada pela multidão? Essa questão é fundamental para a sustentação da nossa tese sobre o naufrágio da singularidade: a estrutura cultural de nossa época busca, a todo custo, bloquear a ocasião para a decisão do pensador subjetivo. Ainda no *Ponto de Vista Explicativo*, Kierkegaard diz que:

Não, jamais se dissipa uma ilusão diretamente. Não se destrói radicalmente senão de uma maneira indireta. [...] Ou, dito de outra maneira, é preciso pegar pelas costas aquele que está na ilusão. (KIERKEGAARD, 1971, p. 58)

Frisamos que comunicar, na filosofia da existência, não é apenas o ato de informar ou oferecer o saber para quem quer que seja, pois não se trata de comunicar ao objeto, ou ao objetivo que se constrói. Trata-se de mergulhar na interioridade para comunicar à subjetividade, para que as ilusões se dissipem – tarefa dolorosa e hercúlea em uma época de tantas ilusões apontadas como virtudes. Edificar a singularidade é mais do que comunicar um saber objetivo, pois o que ocorre em uma abordagem direta é uma construção metódica, quiçá cartesiana, que de tão presa ao seu sistema não encontra espaço transgredir, em suas referências históricas, o que há de mais verdadeiro para o Indivíduo Singular. A multidão na qual o indivíduo está imerso comunica o saber como objeto, negando à subjetividade a comunicação, indireta, de tomar como ocasião a comunicação de poder. Henri-Bernard Vergote, observando a comunicação de nossos dias, reflete da seguinte maneira:

Refletimos ou bem pelo *objeto* ou bem pela comunicação. Se refletimos sobre o objeto, temos então a comunicação do saber. Se pelo contrário, não há 'objeto' [...] de forma que não podemos refletir sobre o objeto, mas refletimos sobre a comunicação, temos o contrário da comunicação de saber: a comunicação *de poder*. E o erro da modernidade consiste por sua vez em termos esquecido completamente a realidade desta comunicação que se chama comunicação de poder, e em termos *[sic]* suprimido inteiramente esta, ou até, de modo ainda mais absurdo, em termos comunicado como saber o que precisamos comunicar como poder (VERGOTE: 2000 s/pág)

Se em algum momento, até aqui, tivemos a impressão de que seria possível um resgate da singularidade, da autenticidade e da autonomia, e considerar que seria possível, efetivamente, edificar a existência a partir dos contornos que nossa época está assumindo, comunicando como saber o que deve ser comunicado como poder, devemos ter em mente que tal esperança tem grande potencial para ser mais uma ilusão em torno da qual a *moralidade de manadase associa* para justificar suas contradições. Em *Duas Eras*, Kierkegaard é taxativo sobre os efeitos da associação.

É totalmente impossível para a comunidade ou para a associação salvar o nosso tempo.² [...] Hoje em dia, o princípio da associação (que, quando muito, só é válido quando interesses materiais estão em jogo) não é positivo, porém negativo. É uma fuga, uma distração e uma ilusão. Dialeticamente, a posição é a seguinte: o princípio da associação pelo fortalecimento do indivíduo, o enerva. Ele se fortalece numericamente, mas eticamente isso é enfraquecimento. É somente depois do indivíduo ter adquirido uma aparência externa ética, em face do mundo todo, que se pode verdadeiramente falar de união. De outro modo, a associação de indivíduos, que são fracos em si mesmos, é tão abjeta e danosa quanto o casamento de crianças. (KIERKEGAARD, 1971, p.183)

Nosso tempo não pode ser salvo porque a ilusão criada para gerar uma sensação individual de sucesso é tão grande, que sua capacidade se limita a uma ilusão coletiva que passa despercebida - mas não totalmente - pelo indivíduo. Sem saber de seu desespero, o indivíduo se entrega à multidão, travestido de uma aparência ética enganadora para o outro e, principalmente, para si mesmo, que faz com que ele deseje de forma ardente um sucesso que só existe no

² Observe-se que aqui fala um dinamarquês do século XIX que, quase profeticamente, tem as palavras exatas para refletir a realidade do século XXI.

âmbito da *tagarellice e da conversa fiada*, a época onde a comunidade se tornou uma unidade do comum.

2. KIERKEGAARD NO NOSSO TEMPO

Seguiremos doravante o seguinte caminho para nossa investigação: partiremos de uma situação hipotética-imaginária (e visualizar a imagem será muito importante) a partir da qual, faremos breves considerações acerca de quatro qualidades (talvez virtudes?), que tomaremos como fundamentos para trazer Kierkegaard ao nosso tempo. Tais qualidades estão dispostas ao longo dos capítulos I e II das *Migalhas filosóficas*, onde o problema é, conforme podemos observar no IV capítulo do *Post-Scriptum*(vol.II) : *como pode uma felicidade eterna ser construída sobre um saber histórico?*

Vamos à nossa situação imaginária:

Imaginemos Kierkegaard, em estilo kafkiano, *despertando em uma certa manhã após sonhos intranquilos...* e ao abrir o jornal do dia, para se atualizar dos acontecimentos que, em um futuro não tão distante serão parte da história, encontre-se frente a frente com as notícias que *costumamos*³ observar todos os dias, comunicando um saber que oculta a real comunicação do poder, pois a esse ponto, só se comunica ao objeto que o homem se tornou.

Imaginemos Kierkegaard, lendo o jornal do dia, em uma época onde a radicalidade do pensamento direciona o homem para a normatização de sua ação. Uma época de regras e condutas tão estáticas que torna impossível a reduplicação da existência. A subjetividade não atinge a interioridade. A singularidade naufraga.

Se Kierkegaard já era firme em suas reflexões e críticas ao cristianismo de Estado do século XIX, pensemos quanta ironia seria necessária para que seus textos pudessem refletir o *mediatismo* e o *imediatismo de Estado* que observamos no século XXI. No *Post-Scriptum*, Kierkegaard fala sobre a comunicação imediata como uma comunicação ordinária:

A comunicação ordinária entre um ser humano e outro é totalmente imediata, porque os homens ordinariamente existem de forma imediata. Quando alguém conta alguma coisa e o outro se reconhece literalmente no mesmo, supõe-se que estão de acordo e que se compreenderam um ao outro. [...] ele nem imagina que esse tipo de

³ Costume enquanto *mores*, como um fundamento moral. Pensamos aqui que a *comunicação mediatista*,

concordância possa ser o maior mal-entendido e, naturalmente, de modo algum, que, tal como o pensador subjetivo existente se libertou pela duplicidade, assim também o segredo da comunicação dependa de deixar o outro livre, e, exatamente por essa razão, ele não pode comunicar-se diretamente... (KIERKEGAARD, 2015, p.77)

E adiante, prossegue dizendo que *por causa do muito saber, as pessoas esqueceram o que é existir e o que há de significar interioridade* (Idem, p. 254).

Ora, em nossa época o naufrágio da singularidade é inevitável porque estamos radicalizados em nossas verdades; não há ocasião, não há o duplo movimento da reflexão, não há possibilidade, não há decisão. A comunicação imediata reduziu nossa vontade pela reflexão, radicalizou a verdade a um costume proveniente de uma informação manufaturada, uma notícia que tomamos, todos os dias ao abrir o jornal da manhã, como absoluto e verdadeiro. Em sentido literalmente inverso da sentença original de Nietzsche, pois nossa época retira o pensamento de seu contexto para atender ao interesse comum, estamos *cheios de nossa sabedoria como a abelha que acumula demasiado mel*. Não se eleva o indivíduo ao Indivíduo Singular, não se escavam os fundamentos da interioridade para o edificante, não se vai além do homem (*übermensch*), mas se acredita e vocifera sobre o orgulho de ser sempre o mesmo. Vivemos a época da *tagarelice*. A singularidade naufragou.

Voltemos à Kierkegaard abrindo o jornal do dia, e lá está a notícia: **Crime e preconceito: mães e filhos de santo são expulsos de favelas por traficantes evangélicos**(O GLOBO, 30/09/2015). Em um primeiro olhar, se observa a contradição imediata (Como assim, um traficante evangélico?), que passa por algo cômico e é tomada como mais uma informação rasa, despropositada, que *não acrescenta ou exclui absolutamente nada à minha reflexão*. Mas quando me aproprio da reflexão, indago: Qual boa-nova (*evangelho*), será anunciada – pois o mandamento é: Ide e anunciai o evangelho. A salvação chegou para todos! – ao expulsar e excluir aqueles que não concordam com minha verdade? Quanta violência será necessária para que minha verdade prevaleça, mesmo sendo nítido que EU MESMO não creia na minha verdade?

A esse indivíduo, e o indivíduo do qual falamos aqui é uma verdadeira multidão, falta a primeira qualidade – aquela que anuncia o naufrágio da singularidade, como se fosse um naufrágio comum. Qualidade que sobrava Sócrates, que teve *coragem e sensatez para*

bastar-se a si próprio, mas também para, em suas relações com os outros, ser somente a ocasião, até diante do homem mais imbecil. (KIERKEGAARD, 2008, p. 30)

Porém o que falta não está ausente apenas neste ou naquele homem, mas à toda *multidão de pecados*(*O amor cobre uma multidão de pecados*) uma multidão que está tão certa de sua verdade que é incapaz de perceber sua própria imbecilidade (*in baculus*), isso para não falar que é totalmente incapaz de se apropriar da ocasião para uma reflexão profunda na interioridade. Falta à multidão uma primeira “qualidade rara”, como nos diz Kierkegaard.

Ó altivez rara, rara em nosso tempo, onde o pastor é um pouco mais que o sacristão, onde a cada dois homens um é autoridade, enquanto todas essas diferenciações e toda essa variada autoridade é mediada na loucura comum e em um naufrágio comum. (KIERKEGAARD, 2008, p. 30)

Vamos prosseguir com a imagem de Kierkegaard em nossa época, atento à leitura do jornal do dia, pousando os olhos sobre a seguinte chamada: **USP muda sistema de avaliação de professores: A cada 5 anos, docente terá de apresentar uma proposta acadêmica e poderá responder a processo administrativo, caso não cumpra metas** (OESP, 9/11/2016). Desta vez, não temos (ao menos não tão flagrante) uma contradição aparente. Muitos pensarão: “Isso é ótimo! Assim a educação estará organizada, o professor será avaliado por sua produção acadêmica, por seu engajamento com o desenvolvimento da ciência e com o ensino nos alunos! Ele será obrigado a cumprir suas metas.”

Vejam como fala alto ao nosso orgulho essa seriedade que, inadvertidamente não passa de uma piada. Ora, não é a natureza do mestre ser ocasião para o discípulo? Não é a ação do homem guiada pela sua vocação, de tal maneira que a continuidade da sua existência seja imbricada ao compromisso que ele assume diante do outro?, ou o compromisso só será assumido com propostas burocráticas a cada 5 anos? Não faltará ao mestre aquela qualidade rara da modéstia, que o retira do pedestal e da cátedra e o leva para a praça?

Por entender justamente que, as circunstâncias dinâmicas da educação o obrigam a ser a ocasião, sem nenhuma autoridade como mestre (pois o Mestre é apenas a ocasião para que o discípulo se aproprie da verdade na subjetividade), ele deveria

entender a reciprocidade, o duplo movimento que oferece de graça a ocasião para a singularidade. Mas a singularidade naufragou. O mestre de nosso tempo não é o verdadeiro mestre pois está no meio da multidão, desejoso pelo sucesso e dando valor maior do que o devido à sua autoridade e seus títulos, do alto de sua cátedra. Nesse sentido, ele deve cumprir suas metas, preencher seus formulários e relatórios, em um tempo histórico onde tudo é objetivo, para conservar para si a qualidade de ser *mais um*, e os privilégios trazidos pelo reconhecimento da multidão.

Kierkegaard recorda a modéstia de Sócrates, que *numa idade mais madura, sentiu uma vocação e um impulso, e começou, à sua maneira, a ensinar outras pessoas*, pois Sócrates sabia que o mestre situa-se numa relação de reciprocidade e ainda, que o discípulo é a ocasião para que o mestre se compreenda a si mesmo, e o mestre a ocasião para que o discípulo se compreenda a si mesmo.

Ó rara modéstia, rara em nosso tempo onde as somas de dinheiro e as coroas de louro não podem ser suficientemente grandes e brilhantes para retribuir o brilho do ensinamento. (KIERKEGAARD, 2008, p. 44)

Sigamos ainda com as últimas notícias, algumas fotografias (pois o prêmio Pulitzer é concedido em várias categorias e não queremos deixar nenhum jornalista desapontado) e duas qualidades. Não precisamos de uma data ou notícia específica, mas precisamos colocar o tema à tona com urgência antes que caia no nosso esquecimento, junto com todas as outras vezes que essas imagens vívidas estiveram em nossa mente por algum tempo, e depois, irresponsavelmente, as lançamos no vazio. Também não será difícil usar uma notícia genérica, que se adeque a diversos estados de espírito e que ainda está bem presente em nossas memórias. Imaginemos Kierkegaard diante da seguinte notícia: **Milhões de pessoas saem às ruas para se manifestar contra a corrupção.**

Imediatamente nos vem à mente uma multidão de pessoas de bem, que se manifestam contra os desarranjos e desmandos de um Estado corrupto. Para o século XIX de Kierkegaard, em um Estado oficialmente luterano, poderíamos até dizer que trata-se de uma multidão de “bons cristãos”. Quantas pessoas admiráveis! Vislumbramos um mar de pessoas tomadas pelo melhor sentido de defesa dos interesses de sua pátria, vestindo camisas nas cores que

mais agradam a seus ideais!

Como é uma notícia bem vívida e capaz de alterar os ânimos mais delicados, é sempre bom lembrar que não se trata de uma dicotomia entre quem está certo ou errado, pois a questão vai *além do bem e do mal*. O que está em jogo, é o sentido onde se busca o fundamento da existência, da autenticidade. Estamos tratando da própria subjetividade. Como no século XIX de Kierkegaard, não se trata de indagar se deve-se ou não ser corrupto, mas de questionar na interioridade se EU sou corrupto; da mesma forma que é na interioridade que devo questionar se EU sou cristão.

Talvez nos falte responsabilidade para manter alguma coerência com a nossa época e os desafios que emanam dela. Falte-nos alguma responsabilidade para um auto-exame de consciência onde possamos destoar da multidão, pois a segurança da multidão é confortável para quem recebe a verdade comunicada como objeto, mas, causa sofrimento, dor e angústia para quem busca tornar-se singular. Mas a singularidade naufragou. A singularidade naufragou perdida na multidão, pois lhe faltou probidade, a mesma probidade que sobrava à Sócrates.

Ó rara probidade, que não engana ninguém, nem mesmo aquele que colocaria sua felicidade no ser enganado; rara em nossos dias, onde todos vão mais longe do que Sócrates, tanto na arte da auto-avaliação quanto na de serem úteis a um discípulo, tanto na sensibilidade do trato, como na volúpia que o quente bafejo da admiração proporciona! (Idem, p.46)

A singularidade naufragou porque nos deixamos levar por nossa vaidade, pela ilusão de que alguma admiração nos é devida por cumprirmos um *importante papel histórico*, mesmo que nosso desempenho histórico seja apenas uma resposta imediata à comunicação midiática; mesmo que nossa participação na história seja vergonhosa do ponto de vista da verdade pois, pior que ignorar a verdade, é não questionar, ironicamente, a informação recebida e participar de uma realidade ilusória com toda a sobriedade e convicção próprias de um seduzido enganado. *Ó rara fidelidade, que não seduz ninguém, nem mesmo aquele que faz uso de toda a arte de sedução para se deixar seduzir!* (Idem)

Uma pequena nota de rodapé no primeiro capítulo das *Migalhas Filosóficas*, caberia aqui como reflexão para essa relação que estabelecemos com nossa época histórica, tomando a decisão (ou não), pela subjetividade e pela verdade. Imaginemos pela última

vez, Kierkegaard, sentado em um café ou alguma praça, em pleno século XXI, após a leitura de seu jornal, a refletir sobre nosso tempo:

[...] houve um tempo em que o homem pelo mesmo preço teria podido comprar a liberdade e a não-liberdade, e esse preço era a escolha livre da alma e a entrega que há na escolha. Aí ele escolheu a não-liberdade; mas se agora quisesse dirigir-se à divindade e perguntar se poderia receber a outra em troca, decerto a resposta seria: “É inegável que antes tu terias podido comprar aquela que tu preferisses; mas com a não-liberdade ocorre algo muito estranho: logo que foi adquirida não tem mais nenhum valor, não obstante o fato de que se pague por ela igualmente caro”. Será que um tal homem não diria: Mas isso é muito estranho! OU então, caso dois exércitos inimigos exércitos inimigos estivessem ordenados para a batalha e chegasse um cavaleiro que foi convidado por ambos os lados a participar, e ao escolher um dos partidos, viesse a ser derrotado e feito prisioneiro. Como prisioneiro seria levado à presença do vencedor e seria louco o suficiente para oferecer seus serviços sob as mesmas condições que antes lhe haviam sido propostas. Será que o vencedor não lhe diria: “Ó meu caro, agora és meu prisioneiro; é verdade que antes foi diferente e tu terias podido escolher de outra maneira, mas agora está tudo mudado”. Não é estranho? Se fosse diferente, o instante não teria nenhum valor decisivo, e nesse caso, [...] o prisioneiro teria lutado no outro lado, mas apenas não teria sido visto por causa da neblina, no fundo ele teria apoiado aquele de quem agora apenas imagina ser prisioneiro. “Nem o corrupto nem o virtuoso tem poder sobre o seu comportamento moral, mas eles tinham, antes, poder para se tornarem um coisa ou outra: assim também alguém que arremessa uma pedra, tem poder sobre ela antes de a ter arremessado, mas não o tem depois de tê-la arremessado” (Aristóteles). De outra maneira, o arremessar se tornaria uma ilusão, e aquele que a arremessou conservaria a pedra na mão, apesar de todo o seu arremesso, dado que ela, como a “seta voadora” dos cétricos, não voaria. (KIERKEGAARD, 2008, p. 37)

CONCLUSÃO: A MULTIDÃO É A MENTIRA.

Ao pensar o Indivíduo Singular, Kierkegaard delimita duas máximas para nossa reflexão que vinculam a filosofia à história do momento presente, a saber: *a subjetividade é a verdade, e a multidão é a mentira*. Não há verdade no anseio patético da multidão, assim como a história não está restrita apenas ao passado para refletir, na subjetividade, sobre a singularidade do indivíduo do presente. De forma negativa, a multidão se estabelece como uma

verdade sem, no entanto, considerar que o trabalho decisivo do indivíduo singular só é possível – com um certo tom cartesiano – em uma pacífica solidão.

A multidão é uma mentira. Onde, pois, existe a multidão, lá onde está adquire uma importância decisiva, lá não se trabalha, não se vive, não se tende para o fim supremo, mas unicamente para esse ou aquele fim terrestre, pois o eterno, o decisivo, não pode trabalhar senão aí onde se encontra um homem só. (KIERKEGAARD, 2002, p. 247)

O fato de observarmos, em nossa época, o uso comum de expressões como “fantoques” e “marionetes”, em referência aos cidadãos que se expressam politicamente como ofensas propositadas e acusações para qualquer um que abra a divergência de pensamento, caracteriza a existência de uma falácia política, social e cultural que desconstrói a individualidade e traz à baila a necessidade de nossa reflexão pautada na subjetividade. Conduzido pela multidão – e pelos líderes da multidão – o indivíduo contemporâneo não reflete ou digere sua condição existencial posta no limbo de informações desconexas, infundadas e mentirosas. Vale o alerta de Kierkegaard, quando ainda diz:

A multidão é a mentira. É por isso que, no fundo, ninguém despreza mais a condição do homem que aqueles que fazem profissão de condutores da multidão. Se alguém se aproxima de uma pessoa desse tipo, algum indivíduo, - certamente ele não se preocupa. (KIERKEGAARD, 2002, p. 251)

As considerações que tecemos, mesmo que não sejam históricas no momento presente, pertencem à história no momento em que trazem a necessidade de uma reflexão filosófica para o *instante* decisivo onde o indivíduo se situa. Não é, porém, na multidão, que esse Indivíduo Singular se libertará das amarras do egoísmo e do radicalismo. Não será no comportamento de manada que ele se erguerá para a singularidade tão necessária em nossos dias que será, talvez, tábua de salvação para que a sentença de Oswald de Andrade – em um dos mais importantes manifestos culturais brasileiros – se converta em profecia e se concretize literalmente e negativamente, onde só *a antropofagia nos une* (ANDRADE, 1928).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J.M, Kierkegaard leitor de Schelling: diálogo em torno da categoria e do princípio de individuação, e a construção da singularidade in Anais da XIV Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard da SOBRESKI: “O silêncio da solidão: tornar-se singular em Kierkegaard”, SOBRESKI/UERJ/UFRJ: Rio de Janeiro, 2015

ANDRADE, O. *Manifesto Antropófago*, Revista de Antropofagia, Ano 1, No. 1, Maio de 1928.

_____. Quatro discursos edificantes de 1843, Tradução Henri Nicolay Levinspuhl, Editora do autor: Rio de Janeiro, 2001

_____, Textos selecionados, Trad. e org. de Ernani Reichmann, Curitiba : Publicação do Organizador, 1971

_____, Pós-escrito às Migalhas Filosóficas – vol. I, Trad. Alvaro Valls, Petrópolis: Vozes, 2013.

_____, Pós-escrito às Migalhas Filosóficas – vol. II, Trad. Alvaro Valls, Petrópolis: Vozes, 2016.

_____, Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor, Edições 70: Lisboa, 2002

VERGOTE, Henri-Bernard, Ler Kierkegaard, Filósofo da Cristicidade, Trad. Álvaro Valls e Lucia Sarmiento Silva, 2000, no prelo.

LIMA, Fransmar B. Costa. Kierkegaard e Dogville: A des-humanização do humano. In: VALLS, Alvaro; MARTINS, Jasson (org.). Kierkegaard no nosso tempo. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

Recebido em 18/07/2017

Aprovado em 21/08/2018

